

Capítulo I: O ônibus amarelo

O ônibus amarelo chega levantando poeira, como se tivesse pressa de virar nuvem. Natan já sabe de cor o barulho que ele faz quando dobra a curva de pedra: um estalo, depois um suspiro comprido. Ele corre do portão de madeira até a beira da estrada, mochila no peito, e sente o frio batendo no rosto. O sol ainda nem encheu o campo e o capim guarda gotas miúdas.

— Vai com Deus — diz a mãe, de chinelos, braços cruzados contra o vento.

Natan sobe. O banco está gelado. Ele encosta a testa no vidro e segue contando as cercas: uma, duas, três, quatro. Quando a estrada afunda e a mata fica mais fechada, ele presta atenção no arroio que corre ao lado. Ali, às vezes, aparecem garças. Ali, uma vez, ele achou uma pedra lisa com um risquinho branco no meio, igual a um caminho.

As outras crianças falam alto. Um menino da fileira de trás bate com a palma no encosto de Natan.

— E aí, índio! Vai caçar hoje? — ri, sem maldade na própria voz, como quem repete o que ouviu em casa.

Natan sente o estômago encolher. Ele olha pro vidro, faz de conta que não ouviu. Pensa que não sabe caçar. Pensa que não sabe direito nem das coisas que a Vó Alzira ensinava quando ele era menor, porque faz tempo que a vó não aparece. A estrada vira as costas pro céu e o ônibus engole as casas, os campos, e segue.

Quando a cidade começa, as cercas acabam. As linhas amarelas no asfalto brilham como peixe. Natan fica um pouco tonto com tanta placa, tanta janela. A escola é grande, tem paredes pintadas com desenhos de mãos coloridas. O cheiro é de merenda e produto de limpeza.

— Bom dia, turma! — a Professora Helena abre um sorriso de café quente. — Hoje começamos um projeto novo: “Quem sou eu”. Até sexta vocês vão preparar uma apresentação. Pode ser cartaz, pode ser objeto, pode ser uma história.

As palavras “quem sou eu” ficam batendo nas paredes como uma bola que ninguém segura. Natan abaixa a cabeça no caderno e desenha duas linhas: uma que serpenteia, outra que corre reta, como aquelas que ele viu desde a madrugada. A colega da mesa ao lado, a menina de cabelo preso com duas miçangas azuis, estica o pescoço.

— Bonito. É um rio? — ela pergunta baixinho.

— É... não sei — responde Natan, meio rindo, meio sem ar.

— Eu sou a Luna.

— Eu sou o Natan.

A aula passa rápido para uns, devagar para outros. No recreio, Natan fica sentado no degrau que dá para a quadra. Os meninos jogam bola, as meninas trocam figurinhas, e o mundo tem barulho de chute. Ele pensa na mãe, no pai, no “vai com Deus” e no ônibus amarelo. Pensa que, se a professora quer que ele fale quem é, talvez ele pudesse mostrar as pedras que guarda, mas as pedras são pequenas demais. Talvez pudesse falar da aldeia, mas o pai sempre diz que agora é outra vida, que cada um precisa “progredir”. Talvez pudesse falar da vó, mas ninguém na sala conhece a vó.

— Tu vem de onde? — Luna senta ao lado, abrindo uma marmita de arroz e ovo.

— Da estrada — Natan responde, e os dois dão risada. Depois ele aponta para o sul, além dos telhados. — De lá. A aldeia fica no caminho pro rio.

— Pro Guaíba?

Ele faz que sim. Fica um silêncio de uma colher mexendo no alumínio.

— Meu pai pesca lá — diz a menina. — Ele diz que o rio tem duas caras: quando sopra vento de um lado é mansinho, do outro fica com raiva. Mas é o mesmo rio.

Natan guarda a frase no bolso, junto das pedrinhas. Quando o sinal bate, a turma volta. A professora escreve no quadro: “origem, gostos, histórias da família”.

Cada palavra é uma joaninha que Natan tenta não esmagar. Ele copia devagar, como se estivesse aprendendo a escrever a própria respiração.

Na saída, o ônibus amarelo espera na sombra de uma árvore enorme. Ele se senta no mesmo banco, janela do mesmo lado, e recomeça a contar cercas ao contrário. Um fio de sono vem, e com ele uma lembrança antiga: Vó Alzira sentada no degrau, as mãos finas puxando duas tiras de taquara.

— Duas fitas, dois lados — a voz da vó entra pela dobra do tempo. — Não é pra brigar. Um lado ensina o outro a ficar firme.

Natan lembra do cheiro do quintal, do estalo suave da taquara quando dobra. Lembra de ter perguntado “qual é o meu lado?” e da vó ter rido.

— Tu é o nó da rede, gurizinho. Nô não escolhe fio; junta dois pra ficarem firmes e deixa a água passar.

O ônibus sacode. A lembrança fecha a janela. Quando ele desce, a tarde já está se gastando. A mãe o espera de braços cruzados, o pai só chega de noite. A casa é de madeira, as panelas penduradas na cozinha, o rádio falando da previsão do tempo.

— A professora passou trabalho? — Rosa pergunta, o avental com cheiro de cola e couro, do serviço na fábrica.

— “Quem sou eu”, até sexta.

— Faz um cartaz com as coisas que tu gosta. Bota futebol, videogame... o que o pessoal gosta de ver. Essas coisas de aldeia ninguém entende, é só pra te olharem torto. — Ela diz macio, mas com uma pressa dentro da voz.

Natan engole seco. Olha para as próprias mãos. Na unha, um restinho de terra. Ele pensa nas duas linhas do caderno, pensa na frase da Luna sobre o rio, pensa na risada da vó dizendo “nó”.

— Posso ir na casa da Vó Alzira amanhã? — pergunta.

Rosa morde o lábio. — Amanhã tenho turno dobrado. Vai ter que ser no fim de semana.

A noite entra pela janela como se fosse uma música que ele conhece. Natan limpa as pedrinhas, uma por uma, e espalha sobre a mesa. Pega duas tiras de papel do caderno e tenta imitar o trançado que viu quando era menor, mas o papel rasga. Ele suspira. Lá fora, o vento passa pelas folhas como água com dedos.

Antes de dormir, ele desenha de novo as duas linhas no caderno. Depois, faz um laço que aperta as duas, como nó de rede.

No sábado, ele pensa. No sábado eu peço pra vó me ensinar as fitas. Na segunda, talvez eu tenha alguma coisa pra mostrar.

Ele fecha o caderno, abraça a mochila como quem abraça um silêncio, e espera o sono vir com o barulho distante do ônibus amarelo, que mesmo parado, parece que respira.

Capítulo 2 — Duas fitas

Sábado fecha o céu. Carlos deixa Natan na casa da Vó Alzira e avisa: “Uma hora”. O primeiro pingão cai pesado. No varal, as tiras de taquara balançam. Uma se solta e corre pro córrego.

— Segura! — a Vó dispara.

Natan pula a poça, escorrega, agarra a fibra antes dela sumir. Nô simples no prego. Respira forte. Mais duas tiras querem fugir; ele salva as duas. Corpo quente na roupa molhada. A vó chama pra varanda. Mão firmes, ritmo curto:

— Por cima. Por baixo. Troca a mão. Respira.

Natan erra, desfaz, tenta. A vó guia só o começo.

— Lembra do nó? — ela diz.

— Segurar duas coisas juntas.

— Isso. Começo e fim. No meio, deixa a água passar.

Ela mostra um cesto com pinhas e um potinho de mel.

— Tempo de pinhão era tempo de týnh. A gente lembrava Kamé e Kairu: dois lados que não brigam. — Com carvão e urucum, a avó risca leve o rosto dele: um traço curto (rá téi) é um ponto (rá ror). — É só lembrança de coragem. Ritual grande a gente faz com todo mundo.

Buzina. Carlos.

— Leva essa de começo — a vó amarra uma pulseira simples no pulso dele. — Segunda tu me mostra outra, feita por ti.

No celular da mãe, mensagem da escola: *ensaio adiantado para QUARTA*. Noite. Natan tenta em casa. Uma, duas passadas. A fibra racha. Ele prende com prendedor, usa o cadarço como gabarito. Falta material. Decide: na segunda, desce um ponto antes. Busca taquara no arroio. Com relógio na mão.

Capítulo 3 — Trabalho de classe

Segunda. O ônibus amarelo mal dobra a curva e Natan aperta a campainha.

— Vai descer aqui, guri? — o motorista.

— Vou a pé.

Barranco úmido. Taquara caída. Natan tira fios compridos com a tampinha de metal do lápis; um arranhão arde. 7h18. Corre. No portão da escola, tênis sujo de barro; o porteiro só ergue a sobrancelha.

Helena recapitula: *objeto + fala de 2 minutos*. Quarta. Respeito à escuta.

No recreio, Natan prende a tira na mesa com um elástico. A mão não acha o ritmo. Luna chega.

— Te mostro um nó que não escapa. — Laço firme. — Agora segue o trançado da tua vó.

Sai torto, melhora, encaixa. A marca rá parece leve, mas pesa bom. Do outro lado, o guri de antes provoca:

— Olha o índio fazendo cestinha!

Luna: — E tu, já começou o teu?

A professora encosta, calma.

— Nome primeiro. — pro guri: — Quem é ele?

— Natan.

— Isso. “Índios” a gente fala no plural e com respeito. Natan é *Kaingang*. Quer saber o objeto dele, pergunta. Bora pra aula.

De tarde, Natan reforça o começo da pulseira com o nó da Luna. Faz uma segunda. Pensa em quem poderia ganhar. Terça, roda de conversa. Quando chega a vez dele, as mãos gelam. Um tãnh baixinho na cabeça. Ele fala:

— Tô fazendo pulseira de taquara. Aprendi com a minha vó. Duas fitas que se ajudam. Silêncio bom. Sorriso da professora. Palma única da Luna. Na saída, Luna conta:

— Meu pai sabe um ponto perto do Guaíba. A água trouxe taquara forte. Amanhã cedo a gente desce lá. Ele fica de olho. A gente volta pro sinal.

— Fechou — diz Natan.

À noite, ele ensaia a fala de dois minutos no espelho. Errando rápido, consertando rápido. Mochila pronta. Amanhã tem *encontro d'água* e relógio curto.

Capítulo 4 — Encontro d'água

Quarta, ainda escuro. O ar gelado corta a orelha. O pai da Luna pedala na frente, farolzinho balançando. Os dois vêm atrás, de mochila leve e saco de rafia dobrado.

Na *passagem de pedestres* sobre o arroio, eles descem pelo barranco até as pedras. O vento sul rasga a água do Guaíba em remendos. A cor é de chá forte. Gaivotas riscam o céu.

— Ali — Luna aponta. Um monte de *taquara* trazida pela água preso num tronco.

— Só o que a água trouxe, nada de cortar vivo — diz o pai dela, voz baixa. — Eu fico aqui em cima. Qualquer coisa, assovia.

Natan e Luna se aproximam. Pedra lisa. Lodo traiçoeiro. Natan testa com a sola, desce de lado, mão na pedra como se fosse degrau. Luna segura a alça da mochila dele.

— Devagar.

Eles puxam as tiras soltas. Algumas boas, outras esfarelando. Natan usa a tampinha de metal do lápis para soltar fibras presas; Luna enrola num rolo firme. Um barco pequeno passa longe. O balanço chega atrasado: a água cresce, lambe as pedras, puxa o saco de ráfia que Luna largou ao lado.

— O saco! — ela grita.

Natan se lança. Pega a ponta, escorrega no lodo, cai de joelho. Água gelada na canela. Segura, puxa, salva. O coração bate no pescoço. Ele ri sem ar.

— Tá viva. — Luna dá um tapa leve no ombro dele. — Bora, relógio.

O pai da Luna assovia de cima. — Sete e oito!

Mais duas tiras boas. Natan prende o maço com o nó que Luna ensinou. Quando vira pra subir, o tênis afunda num buraco de lama entre duas pedras.

— Trava — ele rosna.

Luna volta, agacha, enfia os dedos no barro ao redor do tênis. — Um, dois, três... — Puxam juntos. O pé sai, a meia fica. Natan quase cai de costas, mas se segura no tronco. Eles riem, nervosos.

— Depois eu te arrumo uma meia — diz Luna. — Sobe.

No alto, o pai entrega uma sacola seca. — Troca essa. E vamo.

Eles correm. O vento pega de lado, empurrando. O pai pedala ao lado como batedor. No ponto, o ônibus amarelo aparece dobrando a esquina. O motorista vê o trio, freia um pouco antes. As portas se abrem como um suspiro.

— Essa foi por pouco — o motorista ri.

— Obrigado — Natan entra com o maço de taquara grudado ao peito.

Dentro do ônibus, o colega provocador olha o tênis enlameado de Natan e sobe um canto da boca.

— Foi nadar, Kaingang?

— Foi buscar o que é dele — Luna responde, já passando pelo corredor. — E o teu troféu, cadê?

O guri dá de ombros, sem resposta pronta. Na escola, o porteiro mira o maço.

— Não vai fazer bagunça aí dentro, né, campeão?

— É pro ensaio do trabalho — Natan diz. — Fica no estojo, prometo.

No intervalo, Natan e Luna se sentam perto da janela. Ele prende a ponta na perna da mesa com elástico, faz o nó de começo e entra no ritmo. Por cima. Por baixo. Troca a mão. A nova fibra canta diferente: firme, mansa. A pulseira cresce. Luna segura o rolo e corta as tiras gastas. Equipe.

— Falta fecho — ela observa.

— Eu faço com nó laçado — Natan responde, sem tirar os olhos.

A professora Helena passa, vê a cena, não interrompe. Só encosta um bilhete no estojo: “Apresentações principais: quinta. Hoje, ensaio com metade da turma.”

Natan solta o ar que nem tinha percebido que segurava. A pulseira chega ao tamanho certo. Ele fecha. *Firme*.

— Primeira pronta — diz, baixinho.

— E a segunda? — Luna ergue as sobrancelhas.

— Começa agora.

O sinal toca. Ensaio. O trio do provocador entra antes. Eles falam de futebol, troféu do primo, gol no fim. A sala aplaude morno.

— Próximos: Luna e Natan — a professora chama.

Eles ficam de pé juntos. Natan sente as pernas tremerem um pouco. A marca *rá* é lembrança segura. Luna apoia com o olhar.

— Eu sou o Natan. Eu... — ele respira. — Tô fazendo pulseiras de *taquara*. Aprendi com a minha vó Alzira. Eu queria mostrar que duas fitas... se seguram. — Ele ergue a primeira. — Essa eu terminei hoje, cedo. A água quase levou embora. A gente foi buscar.

— E eu sou a Luna — ela completa. — Meu pai pesca no Guaíba. Eu só ajudei com um nó que não escapa. A história é dele.

Silêncio curto. Depois, palmas que crescem. A professora anota algo. O colega provocador olha de lado, morde o lábio.

— Quinta é a apresentação valendo — Helena diz. — Quem puder trazer algo da família, traga. Quem não puder, traz o que tem. O que vale é *verdade e respeito*.

Na saída, Luna puxa Natan pelo corredor.

— Fica com essa primeira — ela aponta. — A segunda... quem sabe tu dá pra tua mãe? Ou pra quem precisa ouvir mais.

Natan pensa. Olha o colega provocador, parado na beira da quadra, sozinho por um segundo. Guarda a ideia no bolso.

À noite, em casa, ele termina a segunda pulseira. O nó final assenta bonito. Amanhã, quinta, tem voz, tem objeto, tem gente. Ele põe as duas sobre a mesa. A primeira é dele; a segunda, ele ainda decide. O vento lá fora muda de lado. Parece bom.

Capítulo 5 — O dia de apresentar

Quinta. Céu claro, vento ainda frio. A sala tem cartazes na parede e um cheiro de pano úmido. A professora Helena organiza a ordem. Bilhete na porta: “*Familiares bem-vindos*”. O pai da Luna aparece de boné, encosta no fundo. Rosa não consegue vir; manda áudio: “*Tô contigo. Vai firme.*”

O trio do provocador cochicha no canto. Hoje ele tem nome: Maicon. O troféu do primo brilha na mochila aberta.

— Não esquece de falar alto — um colega diz.

— Relaxa. Vou arrebentar — Maicon responde, e dá um olhar de lado pra Natan.

As apresentações começam. Cartazes coloridos. Uma coleção de carrinhos. Um caderno de receitas da avó. Palminhas.

— Maicon — chama a professora.

Ele põe o troféu na mesa. Pega, posa, fala de gols que *quase fez*, de jogos que ia jogar, mas não jogou. A voz vacila. Helena inclina a cabeça.

— E qual é a tua história com esse objeto?

Silêncio curto. Maicon respira. — É do meu primo. Eu peguei emprestado.

— Entendo. O trabalho pede algo *teu*. Quer tentar de novo com outra coisa depois do recreio?

Maicon assente, vermelho. Senta. O troféu balança no tampo, cai do lado. O cabo solta com um estalo seco. Ele segura o riso nervoso, *quase chora*, engole.

— Acontece — diz Helena. — Guarda, depois tu vê.

— Próximos: Natan e Luna.

Natan respira fundo. Sente o *rá* leve no rosto. Sobe com a pulseira 1 no pulso e a pulseira 2 no bolso. Luna fica ao lado, segura o rolinho de fibra.

— Eu sou o Natan. Fiz uma pulseira de taquara com a minha vó. A água quase levou as tiras. Eu e a Luna buscamos cedo. — Ele ergue o braço. — Duas fitas que se ajudam.

Luna mostra o rolinho. — E o nó que não escapa.

— Dá pra ver? — Natan pergunta. — Maicon, vem cá. Faz força aqui comigo.

A sala prende o ar. Maicon vem, desconfiado. Natan entrega uma tira de teste com o nó laçado no meio e segura a outra ponta.

— Puxa — diz Natan.

— Vai quebrar — Maicon provoca, mas puxa. O nó assenta e não solta. Puxa mais. Nada. A sala murmura.

— Aperta não estoura. Aperta abraça — Natan explica, simples.

Helena sorri. — Belo jeito de mostrar.

Natan termina: — Minha vó chama isso de duas metades que não brigam. Kamé e Kairu. Eu sou daqui e de lá. Dá pra andar junto.

Palmas de verdade. O pai da Luna bate forte no fundo. Maicon solta a tira, meio sem graça, mas com outro olho.

— Valeu — ele diz, baixo.

Natan desce do improvisado palco. Vê o cabo do troféu quebrado no chão. Olha para a pulseira 2 no bolso. Pensa. Tira duas fibras finas do rolinho, ajoelha ao lado da mochila de Maicon.

— Me empresta — ele pede.

Maicon hesita. Entrega. Natan dá duas voltas, faz o nó do começo e depois um laço simples de fecho. O cabo fica firme. Não é bonito. É forte.

— Segura agora.

Maicon segura. Aguenta.

— Obrigado — ele sussurra. O rosto ainda quente. — E... desculpa por zoar.

Natan dá de ombros, meio rindo. — Nome primeiro, né?

— Maicon.

— Eu sou o Natan.

Helena encerra: — Gente, essa é a lição de hoje: objeto verdadeiro, palavra certa e mão que ajuda. Quem aprende, muda.

No fim da aula, Natan procura Luna.

— A segunda pulseira... — ele começa.

— Pra quem é? — ela pergunta.

Natan olha para a porta. Rosa não veio, mas o áudio ainda morno no bolso. Ele decide.

— É da minha mãe.

— Boa.

Na saída, ele passa por Maicon, que segura o troféu remendado como se fosse dele por um minuto. Maicon puxa assunto sem gabar.

— Tua vó... ensina isso aí pra... pra quem não sabe?

— Ensina — Natan diz. — Se tu chegar com respeito.

— Eu chego.

Eles trocam um aceno curto. O ônibus amarelo espera lá fora. O vento já não corta; empurra de leve.

Capítulo 6 — Depois do rio

Quinta à noite. Mesa simples, luz amarela. Natan põe a pulseira 2 na frente da mãe.

— Pra ti.

Rosa pega como quem tem medo de amassar. Passa o dedo no nó de fecho.

— Tu que fez?

— Eu e a vó. E a Luna ajudou com um nó.

Rosa gira a pulseira no pulso. Fica boa. Um sorriso quase aparece. Quase.

— Amanhã vou usar — ela diz. — E sábado... tem como ver a tua vó?

— Tem. E a professora falou de uma *associação na cidade*. Oficina de trançado e roda de histórias.

Carlos coça a nuca. — Se for cedo, eu levo.

Sábado. Pátio com cheiro de pinhão assando e café ralo. Gente em roda. Crianças correndo. Um cartaz pintado: *Kaingang — escuta e fazer*.

Vó Alzira já está lá, conversando com um senhor de chapéu. Quando vê Natan, abre os braços.

— Olha as mãos que trabalharam!

Rosa cumprimenta meio sem jeito. Carlos também, mão curta, olhar curioso.

Na mesa, rolos de *taquara*, potinhos de *urucum* e *carvão*. Uma senhora mostra o começo do trançado para um grupo. Natan senta, pega as tiras. O nó de começo sai de primeira. Rosa observa, aproxima, tenta. Erra, ri, tenta de novo. A fibra obedece.

— É bom de fazer — ela admite, surpresa com a própria calma.

Carlos acha um colega de frete entre os mais velhos. Papo vai, papo vem.

— Tu é do lado de *Kamé* ou *Kairu*? — pergunta o velho, brincando.

— Do lado do volante — Carlos responde, e a roda ri. O velho dá um tapinha no ombro dele.

— O importante é *respeitar a roda*.

Perto da porta, aparece Maicon com a mãe. Ele procura Natan com os olhos, acha, levanta a mão num oi rápido.

— Posso aprender o nó? — pergunta.

— Pode. — Natan entrega uma tira de treino. — Primeiro prende aqui. Isso. Agora laça... e puxa junto. O nó assenta. Maicon abre um sorriso inteiro. A mãe dele respira aliviada.

— Obrigada por ontem — ela diz para Rosa. — O meu guri precisa de amigo que ensina.

Rosa ajeita a pulseira no pulso. — O meu também.

A roda de conversa começa curtinha. Um canto týnh bem baixinho, batida de pé no chão. Nada de palco; só escuta. Quem quer, fala seu nome e de onde vem. Natan fala o dele, fala da Vó Alzira e da escola. Maicon fala do troféu consertado e do nó.

No fim, cada um leva um pedacinho de taquara trançada pra casa. Vó Alzira entrega a Natan um pequeno *trançado em X*.

— Pra pendurar no teu quarto. Lembra do começo e do fim. No meio, tu deixa a água passar.

Na volta, o caminhão de Carlos pega estrada. O céu abre. O arroio corre ao lado, calmo. Natan desenrola do bolso duas fibras finas, amarra no espelho do carro um *nó de começo*. Carlos olha de canto.

— Vai segurar?

— Vai.

Ele segura. A fita não solta. Rosa ri, de verdade agora. Em casa, Natan prende o X de taquara na parede, ao lado do caderno. No papel, duas linhas antigas ainda se cruzam. Ele pega o lápis e desenha *um laço pequeno* em volta.

O ônibus amarelo vai passar cedo na segunda. A estrada é a mesma. O guri, não tanto.

FIM